

UM EMBRULHO

Kaspar Boyadjian *

Procura-se moça que esqueceu pacote na
fila do ônibus Itaim na última terça-feira.
Ligar para Francisco, fone 5656-7890.

Quem poderia imaginar que um simples anúncio classificado pudesse provocar tamanha confusão? Três dias de telefonemas, sobressaltos, aborrecimentos e desespero. Sei que o leitor não está entendendo nada, portanto vou contar a história pelo princípio.

Era dia do famigerado rodízio. Depois de um dia quente de trabalho desgastante, entrei na lanchonete da esquina e pedi:

– Um suco de laranja, por favor!

O efeito refrescante foi maravilhoso. Agora tinha que enfrentar uma longa fila para voltar pra casa, visto que não podia usar meu carro nas terças-feiras.

– Moço, desculpe, podia guardar meu lugar na fila enquanto vou até a banca de revistas?

Antes que pudesse responder, fiquei duplamente perplexo, com a voz e a beleza da garota.

– Claro, – foi tudo que pude dizer.

– Dá pra segurar este embrulho até eu voltar?

– Pois não. Ela me entregou uma sacola enorme, e saiu em direção ao jornalheiro. Acompanhei-a com os olhos até onde foi possível, depois ela desapareceu atrás da banca, e eu voltei à realidade da fila. Chega ônibus, sai ônibus, e nada da moça voltar. Pela minha previsão, eu deveria embarcar no próximo coletivo. Não

* Designer / Bacharel em Língua Portuguesa – FFLCH – USP

sabia o que fazer: sair da fila e perder a vez? Esperar o ônibus seguinte? Largar o pacote e ir embora? Esperei. Esperei em vão. Ela simplesmente não voltou. Resolvi levar o tal pacote comigo, na esperança de rever aquela jovem. Foi assim que coloquei o anúncio no classificado de achados e perdidos.

– Alô?

– Francisco?

– Sim, – respondi.

– Nós entendemos o seu problema e gostaríamos de ajudá-lo.

– De onde está falando?

– Aqui é Rafael, da irmandade dos desesperançados, e estamos nos oferecendo para dividir o peso do seu fardo de pecados.

– Do quê você está falando?

– Do seu desespero, irmão, basta contribuir com o dízimo e contar conosco.

– Desculpe, mas vocês estão enganados. Desliguei o celular e encerrei a conversa.

– Alô?

– O senhor Francisco, por favor?

– Sim, eu mesmo.

– Aqui é do Vidalonga Telemarketing, e nós estamos promovendo diversos planos de seguro: vida, saúde, automóvel, desemprego, solidão, abandono e até falta de apetite!

– Olha, você ligou para o Francisco errado. Tchau !

– Alô?

– Oi, Francisco, tudo bem?

– Tudo bem; quem é?

– Eu sou o dono do pacote!

– Que pacote?

– Aquele do classificado.

– A dona era uma moça.

– Não, a moça era apenas a entregadora, o verdadeiro dono sou eu.

– Então descreva o pacote.

– Bem, quer dizer, o pacote é mais ou menos do tamanho de uma caixa de fósforos.

– Desculpe, amigo, você errou de pacote! E desliguei já meio preocupado.

– Alô?

– Me chama aí o Chico!

– Sou eu.

– Olhai cara, tô afim dessa novidade.

– Quem fala, que novidade?

– Esse pacote erótico.

– Que pacote, você tá maluco?

– O da propaganda, bicho.

– Topeira, você errou de anúncio, fui!

Estava a ponto de jogar fora o telefone, quando finalmente uma agradável voz feminina:

– Francisco está, por favor?

– Pois não.

– É sobre o pacote da fila.

– Até que enfim, exclamei, pensei que jamais fosse falar com você de novo!

– Perdão, mas só agora tive condição de telefonar.

– Como é seu nome?

– Aracnilde.

– Como???

– Pode me chamar Nilde.

– Tá bom, e como vamos fazer para eu devolver seu pacote?

– Me dá seu endereço que eu vou aí buscar.

- Não precisa, eu levo pra você, basta dizer onde.
- Faça questão absoluta de não lhe causar mais aborrecimentos.
- Tá bem, respondi. Marcamos para o sábado às dez da manhã em meu apartamento.

Antes de continuar, tenho uma confissão a fazer: mais que restituir o pertence, eu queria mesmo era encontrar aquela garota. Não preciso dizer como foram lentas as horas daquela noite de sexta-feira. Será que ela viria? Sozinha? Acompanhada? Ou simplesmente não iria aparecer? Entre pensamentos desconexos e perguntas sem resposta, adormeci.

Sirenes, latidos, gritos, campainha, foi assim que acordei. Uma turbulenta passagem do sono para um pesadelo. Abri a porta a um só tempo sonolento e assustado.

- Francisco?
- Sim, mas...
- T'aqui o "laranja", delegado! – Disse a moça, apontando para mim.

– Temos uma ordem de busca e apreensão, onde está o pacote? Quando me dei conta, o apartamento já estava ocupado por seis policiais, dois cães, uma policial feminina e uma parafernália de equipamento bélico e eletrônico. Entendi que acabava de entrar numa fria, como se dizia antigamente, ou numa roubada, como se diz agora, ou numa sei lá o quê, como poderá se dizer no futuro. A situação era complicada demais para mim. Sem saber o que fazer, aponteí para o pacote que estava sobre a mesa.

– Sargento, – ordenou o delegado –, aplique os detectores! Assisti a um estranho ritual de abordagem. Sondas, bips, ressonadores, radares, todos em volta da mesa, menos os dois que me seguravam firmemente os braços.

- Negativo, senhor delegado, palavras do sargento.
- Cabo, agora os cães! – Os homens cederam a vez e o espaço aos pastores alemães. Farejaram pelo menos uns três minutos.
- Negativo, senhor, disse o cabo.

– Capitão Nilde, pode abrir o pacote! – Outra ordem do delegado. Então era aquela a mulher que preparou armadilha para me apanharem. Medo, repulsa e curiosi-

dade se misturavam em minha cabeça. Como todos naquela sala, eu, mais que ninguém, queria saber o que havia no tal pacote. Retirado o papel, surge uma caixa branca. A "viuva-negra" abre a tampa e diz: - um chapéu!

- Um chapéu ??? Perguntam todos em coro, inclusive os cães.

Um chapéu de tecido alaranjado. Vira, revira, desvira, o pobre chapéu passando de mão em mão.

– Olha aqui, espertalhão, disse o delegado em tom ameaçador, me apontando o indicador, ou entrega a muamba, ou nós vamos virar esse apartamento pelo avesso.

- Mas não existe outro pacote.
- Muito bem pessoal, mãos à obra! Cabo, dá um calmante aí pro Francisco!

– É pra já! E me deu um violento soco no estômago. Cai como um fruto maduro. Faltaram-me o ar e a voz. Abriram todas as portas, todos os armários, todas as gavetas. Tudo foi retirado do lugar. Roupas fora das gavetas, gavetas fora dos armários, armários fora dos cômodos. Quando não havia mais nada para vasculhar, tentaram vasculhar minhas forças, minha paciência e minha cabeça. Resisti. Desistiram. Antes de sair, obrigaram-me a assinar um boletim de ocorrência e desabafaram com uma ameaça: Estamos de olho, cuidado! Fragilizado, levantei-me. A cena diante de meus olhos era terrível. Parecia que tudo girava. A única coisa parada era aquele chapéu no centro da sala. Desafiador, como um sol, em torno do qual gravitam os planetas. Por um instante, um insólito objeto se tornava o eixo de meus tormentos, minhas preocupações e da minha vida.

Recuperada a calma, fui invadido por um duplo sentimento. Atração e repulsa por um lado, e curiosidade e raiva, por outro. Abracei o chapéu primeiramente com os olhos. Uma cor laranja, intensa. Tomei o objeto nas mãos, um tecido macio, agradável ao tato. Quem poderia usar tal chapéu? Uma garota hippie nos anos setenta? Quem sabe? Mas nunca a moça da fila do ônibus. De repente um buraco de vinte anos se abria diante de mim. Me senti como um antropólogo perplexo. Encontrei um crânio e não tenho um corpo onde encaixá-lo. Ou como um arqueólogo, que encontrou uma cúpula, mas não sabe a que templo atribuir a descoberta. A curiosidade foi se avolumando e eu já não podia deixar de pensar na garota. Seria uma chapeleira? Uma modelo? Uma publicitária? Uma desequilibrada ou realmente uma traficante? Agora a qualquer custo, tinha que descobrir a verdade.

**MOÇADO CHAPÉU,
RECADO COM O JORNALEIRO.**

Fiz um trato com o dono da banca para deixar uma faixa sobre o seu estabelecimento. Alguns reais despendidos, pagaram o letrista e o jornaleiro. Depois da desastrosa experiência do classificado, jamais voltarei a tornar público o meu telefone. Se ela quiser reaver o chapéu, ela que deixe o seu telefone para mim. Dois dias depois recebi um número de telefone, sem nome. Como você sabe que é da pessoa que procuro? É que ela falou na cor que você combinou, respondeu o homem da banca.

– Alô?

– Alô, aqui é a pessoa que pegou seu telefone na banca de jornal.

– Ah, o rapaz da fila, né?

– Sim, como você se chama?

– Eu sou a cor laranja!

– Como???

– Eu sou a cor laranja, já disse. – Pronto, pensei, vai começar tudo outra vez? Quando estava a ponto de desfazer o mistério, a moça não tinha um nome?

– Eu quero saber o seu nome! Repeti elevando um pouco a voz e bem compassado para que ela pudesse entender.

– Já falei, eu sou a cor laranja!

– Está bem. Percebi que a situação não ia evoluir.

– Você pode me dar seu endereço?

– Não, dona laranja.

– Mas você não vai me entregar o chapéu?

– Vou sim, mas não em minha casa. Que tal na banca, ou no ponto do Itaim?

– Não, é muito longe, eu preciso ir amanhã, às seis e meia.

– Onde? Perguntei.

– Na Rua Augusta, à altura do número 1800.

– Combinado.

– Até amanhã, não vá faltar, está bem?

– Tudo bem, até amanhã.

Outra vez, dividido, entre a satisfação e a decepção. Aparentemente senhor da situação, pois agora ela dependia de mim. Entretanto o enigma continuava tão desafiador quanto antes. Nem mesmo o nome da garota eu consegui saber. Cor Laranja? Que raio de nome podia isso significar? Tudo o que eu precisava no momento era um pouco de paciência. Mais algumas horas, provavelmente eu iria dissolver as minhas dúvidas.

– Boa noite!

– Boa noite, obrigada pela pontualidade.

– Aqui está o seu pacote. Mas eu gostaria de fazer algumas perguntas.

– Pode perguntar, mas vamos andando que estou em cima da hora.

– Qual o seu verdadeiro nome? Ela não respondeu, mas apontou para um cartaz na entrada de um pequeno teatro.

HOJE, ESTRÉIA!

19h30

O SOL E O ARCO-ÍRIS

GRANDE ELENCO

GRUPO AMADOR DE TEATRÓPOLIS

Ganhei um lugar na terceira fila. Abre-se o pano. Personagens, falas, ações. Não vejo em cena o rosto que procuro. Quando estou a ponto de ir embora, luzes, mais luzes. Entra uma esbelta figura envolta numa longa túnica alaranjada, coroada pelo fantástico chapéu laranja, e recita:

– Sempre que o Sol se encontra perto do horizonte, seja na alvorada ou no crepúsculo, eu modifico a cor do céu. Da minha irmã, a cor vermelha, herdei a força e a paixão; da minha irmã a cor amarela, herdei a inteligência e a alegria. Eu sou o equilíbrio e a harmonia, represento o amor e a juventude: EU SOU A COR LARANJA!